



JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL

A Feira do Livro de Lisboa

PÁGINA 28

Paulina Chiziane, Prémio Camões

Texto de Carlos Mendes de Sousa PÁGINA 27

Os cem anos de
Eduardo Lourenço



INÉDITOS DO ENSAÍSTA, PENSADOR E ESCRITOR cujo centenário se assinala no próximo dia 23 * **PÁGINAS DO SEU DIÁRIO** * **CARTAS** de Sophia e Vergílio Ferreira * **TEXTOS** de Marcelo Rebelo de Sousa, M^a Manuel Baptista e M^a Manuela Cruzeiro, Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, entre muitos outros PÁGINAS 2 A 22

E é o mesmo. Ali estão os neófitos que o escutam, que com ele conversam; ele que com estes também partilha as pequenas farpas e ironias, que os outros sábios reservarão para o diálogo *inter pares*.

Em conversa desprendida, nestes intervalos, como em outros lugares, também nos é dado a ver o seu fascinante processo criativo. No registo ameno de um encontro, em jantar ou em reunião de trabalho, revela-se a máquina de produzir pensamento, alimentada pela vivíssima memória e pela extraordinária forma de contar. A maior parte das vezes, basta a lembrança de um nome para que se desenrolem fios, retomados em fluxo, num entrelaçamento fabular notável; para cada nome uma história ou várias histórias entrecruzando-se. Sentado, à mesa, ou a caminhar, em pequenas

A inteligência cintilante sempre aberta ao diálogo, a excecional capacidade de ouvir o outro, sempre associada, nas sessões de trabalho, à bonomia e ao sentido de humor

deslocações de passo miúdo, avança e pára. Nas curtas caminhadas, quando pára, o pensamento intensifica-se, veloz.

Nestas conversas, a propósito de tudo, nascem sínteses, flashes, fragmentos que, de certa forma, dão conta do processo da formação do ensaio. O pequeno riso entrecorta o fluxo das palavras, o sussurro é como a letra minúscula da escrita. O que flui: argumentações, pressupostos, conjeturas. Admirável natureza digressiva que não cessa, um *continuum* que incorpora o descosido, o inconclusivo. A essa acumulação de intensidades não é alheio o modo como EL se posiciona diante do real, e especialmente o modo como percebe a problemática existencial pela via do poético: a todo o instante, as inflexões da torrente mansa nos conduzem ao silêncio entre as palavras medidas.

Também o pudemos ver, tantas vezes, a “compor” oralmente textos de admirável formulação. Como se nascessem escritos, na dicção encantatória com que brotavam. Como se emanassem de uma fonte. Nos últimos anos, ganharam uma notória expressão as intervenções orais que, transcritas, se transformaram em textos. Em alguns casos, os próprios ensaios dão conta, no seu interior, da circunstância para que foram produzidos. Recorde-se um exemplo: o ensaio “*Orpheu e Presença*”. Trata-se de um texto resultante de uma conferência, pronunciada na Universidade Nova de Lisboa, em abril de 2000, na qual EL faz uma instigante releitura rememorativa do mito da Presença, apresentada no célebre ensaio de 1960, acima referido.

IV. UMA DAS MAIS GRATIFICANTES EXPERIÊNCIAS em todo o meu percurso académico foi aquela que decorreu do facto de poder de trabalhar de perto com o próprio autor no seu arquivo, num plano de *Obras Completas*. Mas acima de tudo, o privilégio mais raro veio do facto de essa experiência trazer continuamente ao de cima, da parte desse autor, a inteligência cintilante sempre aberta ao diálogo. A excecional capacidade de EL ouvir o outro, esteve sempre associada, nas sessões de trabalho, à bonomia e ao sentido de humor. O autor fala desinfladamente sobre a sua obra, sem que tal posicionamento apague o entusiasmo a respeito daquilo que escreveu.

E registo sobretudo o facto de também aqui, as releituras dos textos inéditos (para esclarecimento de dúvidas de grafia) conduzirem quase sempre a um imediato e espantoso reconhecimento, a um avivar de memórias que eram pretexto para um infinito dissertar sobre a poesia, sobre o poético e os poetas conviviais. O mesmo acontecia com a pequena dúvida que lhe fosse apresentada relativamente a qualquer um dos muitos ensaios dispersos que vieram a ser incluídos na volumosa recolha do volume III, *Tempo e Poesia*.

Aquilo que tantos de nós pudemos observar em tantos outros lugares aparecia agora de uma forma concentrada. Uma palavra, um nome de um poeta apenas eram o motor. Abria-se um fluxo rememorativo encantatório. E, no desenrolar dos fios das memórias, intrometia-se permanentemente a análise e a desmontagem. O profundo conhecimento, o vivíssimo raciocínio e a extrema finura do ensaísta traziam novos nexos, novas leituras. Estas sessões no gabinete de Eduardo Lourenço, na Fundação Gulbenkian, duravam quase sempre um dia inteiro com intervalo para almoçar. Pude aqui aproximar-me um pouco mais do seu laboratório: aquilo que estava nos papéis que lhe eram ali apresentados e que ele nos devolvia – a palavra e o seu silêncio fecundador.

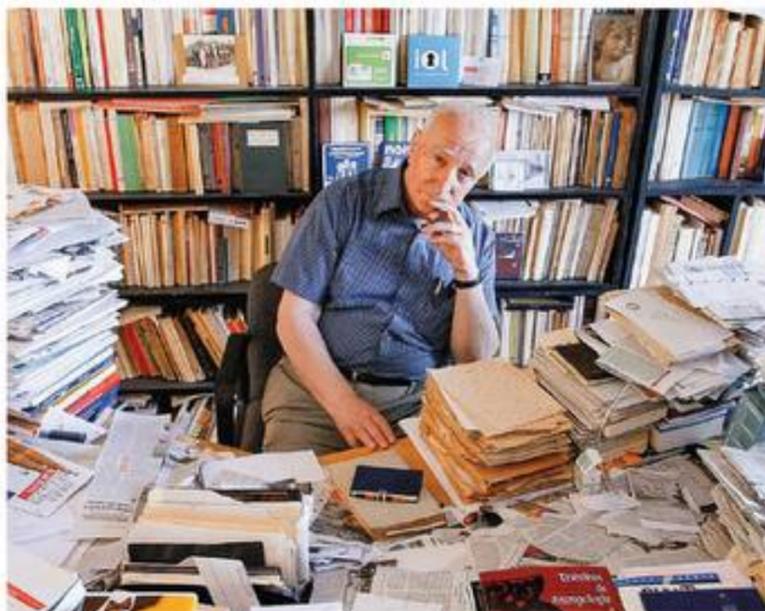
Perante alguns inéditos, propus a EL que se assumisse a dimensão fragmentária de determinados textos, cuja existência fazia sentido nesse registo, proposta por ele bem recebida. Mas outros manuscritos havia que claramente pediam um fecho. Foi imensa a alegria de o ver a completar ensaios, por vezes de relativa extensão, que estavam inacabados. Ali mesmo, Eduardo Lourenço lia o texto todo, partilhava oralmente uma síntese e, de seguida, em grande concentração, escrevia alguma frase de remate. Por vezes, um pequeno parágrafo.

Talvez o que eu mais guarde dos encontros sejam esses instantes. E só me ocorrem as palavras do parágrafo inicial do texto *Tempo e poesia*, ensaio de que se conservam várias cópias, no acervo, e que deu o nome ao volume. Sim, também eu as copieei, em reconhecimento: “O paradoxo do Instante não é o de acabar quando surge. Esse dever o impomos nós ao ‘banal instante’, talhado na peça imaginariamente substancial do Tempo. O paradoxo do Instante é o de nunca ter principiado e não poder ter fim. Ninguém verá a cabeça nem a cauda de tal monstro”. JL

Da herança

Os titulares da Cátedra Eduardo Lourenço da Universidade de Bolonha, uma das mais antigas e prestigiadas do mundo (na qual o segundo autor deste texto, também presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, é catedrático de Literatura Portuguesa e Brasileira e de História da Cultura Portuguesa), vão publicar, com a chancela da Afrontamento, o volume *Eduardo Lourenço – uma geopolítica do pensamento*. E aqui se antecipa o seu magnífico texto introdutório, em que se fala da “arte de pensar” do ensaísta, e muito mais

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO E ROBERTO VECCHI



Escrita “A vida de EL foi passada sobretudo a pôr em letras tudo o que observava”

Comemorar, como a própria forma da palavra indica, é um ato intimamente ligado a um ato de memória. A efeméride do centenário de Eduardo Lourenço (EL) alimenta dois momentos afetivos intensos e mutuamente entrelaçados. Antes de tudo, a grande saudade de um intelectual único. Um homem de bem e generoso. E o vazio que deixa nas pessoas que o conheceram, que conviveram com ele, não pode ser preenchido. Feliz um país – ou a comunidade da memória que somos – que tem no seu património imaterial uma reserva ética de pensamento como aquela que EL deixou. O segundo momento é representado pelo cúmulo imenso de palavras e pensamentos que nos legou e que coloca uma questão crucial, sempre póstuma: a da valorização do que recebemos em herança.

Na homilia da cerimónia fúnebre de EL, o cardeal Tolentino Mendonça lembrou, no Mosteiro dos Jerónimos – onde ocorreram as exéquias – a definição que o professor deu do monumento: um “jardim de pedra”. A imagem poderia aplicar-se à obra de EL: não como um lugar petrificado, mas, seguramente, como um “jardim de palavras”.

Quando se diz que a vida de EL é a escrita, não se recorre apenas a uma metáfora convencional e excessivamente evocada: a vida de EL foi pas-

A escrita de EL, a sua arte do pensamento, exige uma capacidade de leitura não primária ou estereotipada, reivindica uma epistemologia adequada

sada sobretudo a pôr em letras tudo o que observava, pensava, refletia, estudava, lia, escutava. Uma poética dos cinco sentidos plasma a sua obra. Quem conhece os dossiês do acervo de EL, zelados com meticulosidade por João Nuno Alçada, sabe que o muito publicado é apenas uma parte de um todo bastante mais amplo. Não há lugar onde a escrita não esteja: em folhas, nas margens de livros, em agendas, postais, contas, cartões de visita, tudo o que era de papel regista a escrita esmiuçada e à beira da indecifrábilidade. Por isso a herança que EL nos deixa é muito vasta.

Como ato de memória, resolve-mos reunir alguns textos elabora-

dos no âmbito da Cátedra Eduardo Lourenço que o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua mantém, em parceria com a Universidade de Bolonha, e onde o pensamento de EL, nas suas múltiplas declinações, tem sido objeto de estudo e reflexão. Alguns são textos inéditos, outros parcialmente publicados, mas organizámo-los como um conjunto novo na sua articulação e na renovada organicidade de uma escrita a duas mãos. Um conjunto de textos em relação, de onde emerge uma visão ampla de um repertório praticamente ilimitado de assuntos. Um “outro” esplendor do caos, como sugere um famoso trabalho de EL, exemplo de uma curiosidade infinita.

O título deste volume tenta contornar o espaço sem fim, nem fronteiras, que corresponde ao tamanho do mundo. Uma geopolítica do pensamento. Geopolítica, entendida não como disciplina, mas como metáfora que valoriza sobretudo a relação entre o espaço e o poder, pareceu-nos a palavra adequada para traçar os contornos do horizonte sem limites de EL. A sua combinação com o pensamento cria uma relação entre pensado e impensado, limiar e limite, sublime e forma, que, em si, gera uma estrutura possível que dá ordem, uma ordem ligeira e aparentemente casual, à acumulação informe, ou seja, ao caos. É esta a linha que cria a sequência de “contextos e ideias” que articula a nossa leitura do pensamento de EL. De uma pequena parte deste pensamento, de indiscutível relevância.

QUEM OLHAR PARA A OBRA DE EL através das lentes rígidas das disciplinas e da academia, lentes tantas vezes só autorreflexivas, terá sempre uma impressão da existência de lacunas ou incompletudes. Mas será imenso o pensamento que perderá em consequência dessa apreensão redutora, imposta por um ponto de vista. Quem se aproxima do pensamento de EL com a calma e o respeito necessários percebe o modo como o ensaísta gere o corpo a corpo com a sua matéria-prima e como dela extrai um discurso crítico, lúcido e engenhoso. É, efetivamente, uma “arte de pensar”, que desenvolve com muito cuidado, muito controlo e

um atrevimento, uma coragem, uma força que surpreendem os leitores superficiais.

Ao longo de uma obra vasta, EL conseguiu criar uma forma perfeita – o ensaio – em que o inacabado se afirma. Não é pouca coisa. Lourenço não escreve tratados ou teorias gerais. Escreve fragmentos, ou seja, aquela figura que remete para a forma precária e nunca definitiva do ensaio e que se espelha na figura do aforismo. Mas é assim que capta, com a leveza e a imediatez do caricaturista de Baudelaire, as contingências do belo, os movimentos no mundo, na sociedade, na cultura, na literatura, nas mentalidades, na política, o que uma abordagem puramente “científica” nunca captará.

Esta capacidade de apreensão do mundo decorre de uma tensão permanente entre o fragmento e o projeto, e revela uma matriz, no fundo romântica, daquilo a que podemos

A complexidade de um pensamento que atende sobretudo e intensamente ao contemporâneo da vida vivida pela escrita

chamar “sistema Lourenço”, como, num outro contexto, ocorreu com António Gramsci e os *Quaderni del carcere*, um programa de fragmentos que foi definido com justeza como um “sistema in movimento”. Quando, um dia, o “sistema Lourenço” puder ser cartografado como um todo, nas suas relações menos evidentes dos todos com parte ou das partes sem todo deste universo, poderemos apreciar a complexidade de um pensamento que atende sobretudo e intensamente ao contemporâneo da vida vivida pela escrita: da sua e da dos outros e outras que trazia sempre numa algibeira sem fundo onde cabia a sua comunidade pensante, sempre olhada pelo desafio.

Enquanto o mosaico da obra de EL não estiver completo, a visão dessa obra parecer-nos-á sempre desprovida de ordem e equilíbrio: uma ordem e um equilíbrio que constituem o limite de visão de alguns dos seus observadores. O inacabado de Lourenço expõe os limites e as incapacidades de leitura de quem aplica, mais uma vez, esquematismos de qualquer natureza (disciplinar, académica, ideológica etc.) aos muitos textos que compõem uma longa obra. A heterodoxia é uma disciplina que não presta atenção a nenhuma disciplinaridade.

Surge aqui o elemento principal da herança que EL deixa a todos nós, deixa a um país, a um continente, a Europa, no seu conjunto variadíssimo de escritos e temas. Implacável com os portugueses, a sua história e as suas mitologias, com os europeus e as suas “razões” entre os outros, a

leitura de EL desmonta qualquer ilusão de cordialidade, de epopeia ou de idealização. Só quem não leu ou acha ter lido pode definir EL como um “lusotropicalista de esquerda”, como alguém, impropriamente, aventou.

O EQUÍVOCO DESFAZ-SE, PORQUE AGORA, depois da morte do ensaísta, biografia e obra estão definitivamente separadas. É preciso ler bem as suas ideias, não entendê-las ou dobrá-las de acordo com uma visão própria, pessoal e ideológica. Isso acontece quando se procura na obra do outro um espelho, não se abrindo assim a possibilidade de entender o que pela obra o autor defunto continua a afirmar. É uma prosopopeia privilegiada a obra para um autor defunto, mas é preciso lê-la de modo filologicamente correto, pela restituição da intenção à palavra do autor. O risco de um literalismo, mais do que ingénuo, interesseiro é corrente no não entendimento da complexidade da obra que nos deixa. Seria como ler a *História de Portugal* de Oliveira Martins desconhecendo o funcionamento do paradoxo enquanto figura discursiva. É possível? É, certamente, mas é perder ou enviesar por completo o ato de leitura, é perder o foco.

A escrita de EL, a sua arte do pensamento, exige uma capacidade de leitura não primária ou estereotipada, reivindica uma epistemologia adequada. Não interessa de onde vem, mas tem de ser rigorosa. O paradoxo (ou a dificuldade) é que a heterodoxia enquanto texto, mesmo que indisciplina, impõe uma disciplina de leitura sofisticada. Ironias, paradoxos, hipérboles, elipses, antonomásias, e tantas outras são figuras recursivas, de matriz literária, inteligentemente usadas, numa economia faustosa da arte de pensar. “O fascismo nunca existiu”, ou “não houve descolonização”, ou “E se Salazar tivesse razão?”, não são afirmações negacionistas. São figuras críticas de maneira contundente que acabam com as mitologias de sentido comum.

Com este pequeno contributo para a construção de uma “geopolítica do pensamento” de EL, queremos mostrar que a herança do ensaísta é essa: ler a obra com o cuidado, com a inteligência, com o entendimento do jogo subtil de deslocação dos sentidos, lê-la e, a partir dela, pensar.

Se a herança não é um dado, mas é uma tarefa a cumprir, como diz Jacques Derrida, é isto o que agora nos cabe fazer: ler bem EL, com o esforço que isso exige, e continuar a produzir, mesmo agora que a sua figura pública se apagou, significados e perspectivas críticas. E esta tarefa cabe a todos nós, herdeiros, que, como todos os herdeiros, somos “herdeiros em luto”, vagueando naquele jardim de palavras, desassossegado e infinito da escrita que ele nos deixou para uma infundável interrogação. O livro aqui apresentado é uma síntese crítica, humilde e curiosa, destas interrogações inexauríveis. Um primeiro passo que ajuda a apreender partes de uma “geopolítica do pensamento” de Eduardo Lourenço: a nossa herança, a nossa responsabilidade. JL

AGUSTINA

UM BRINDE A AGUSTINA

ARTE E CONVERSAS LITERÁRIAS

MAI 18

O CÂNONE, OH, O CÂNONE.
Lídia Jorge, Miguel Tamen e Isabel Pires de Lima, com moderação de Patrícia Fernandes.

JUN 15

TODA A GENTE SABE QUE O LIVRO É MELHOR QUE O FILME.
Pedro Mexia, Patrícia Muller e Eduardo Brito, com moderação de Sérgio Almeida.

17H30

Jardins CCCR-NORTE
R. Rainha D. Estefânia,
n.º 251 | Porto

PRODUÇÃO

CCDR
NORTE

COPRODUÇÃO

CCDR
NORTE

COFINANCIAMENTO

NORTE2020

2020

EUROPEAN UNION